

**Notas da assembleia de Macapá com Marco Montrasi (Bracco),  
responsável nacional de Comunhão e Libertação.  
Sexta-feira, 7 de agosto de 2020, por videoconferência**

**Vinicius.** Boa noite! Para começar vamos ouvir dois cantos. Vale lembrar um pouco o trecho da carta da menina universitária que Carrón cita no terceiro capítulo do livro: já tinha o olhar apagado, mas graças à companhia de alguns amigos, ela não ficou sozinha. Não qualquer companhia, mas aqueles amigos. E na vida, eu digo olhando para minha experiência, todo mundo precisa de um lugar. A primeira música se chama *Jeito Tucuju*, de Joãozinho Gomes e Val Milhomem, dois poetas macapaenses. Falam do modo de viver, dos primeiros macapaenses que aqui viveram perto dos rios, os ribeirinhos. É um trecho da música: quem nunca viu o Amazonas, nunca irá entender a vida de um povo. Fala um pouco do nosso lugar físico. A segunda música tem que ver com um trecho de *O brilho dos olhos*, no terceiro capítulo: “Só uma carne pode vencer o nada. Não qualquer carne, não qualquer presença carnal, mas uma presença que carrega consigo algo que corresponde a toda a nossa expectativa”. Quem não desejaria, de verdade, agora, uma presença que nos faça rir nos dias feitos para chover? Alguém que te olhe e peça: vem, aumenta em mim o único que sou. São trechos da próxima música que vamos ouvir: *Pétala por pétala*.

**Gleyson.** Obrigado, amigos, boa noite. Boa noite, Bracco, obrigado pela presença e pela disponibilidade de estar conosco aqui. A primeira vez que fui a Macapá foi em julho ou junho de 2017, e eu me lembro das músicas macapaenses que vocês cantaram para mim, são todas muito bonitas. Me tocaram muito, tenho-as gravadas aqui, de tempos em tempos eu ouço algumas. E essa diz: “Quem avistar o Amazonas neste momento e souber transbordar de tanto amor, este terá entendido o jeito de ser do povo daqui”. Quer dizer, um povo que é tocado por algo grandioso e belíssimo, que é o Amazonas, como nós que fomos tocados por algo grandioso e belíssimo, que é a Presença de Cristo na nossa vida. Eu queria pedir ao Bracco que dê a sua palavra inicial. Nós percebemos que este tempo difícil e desafiador também é um tempo de acontecerem grandes milagres, grandes acontecimentos na vida de cada um de nós.

**Bracco.** Eu só queria agradecer o convite, e diria para começarmos logo, assim temos mais tempo para dialogar.

**Andreia.** Início minha contribuição dando graças a esse carisma, pelo qual fui abraçada e acolhida, onde aprendi e continuo aprendendo verdadeiramente o sentido de muitas coisas da vida. Como por exemplo liberdade, amizade, ser como criança, entre outras tantas. E a cada Escola de Comunidade Cristo torna-se uma novidade para mim. Também aprendi o significado de “a novidade”. Nestes meses em que vivenciamos a situação de pandemia do coronavírus – covid-19 – a minha rotina tem sido de trabalho intenso em *homeoffice*, uma vez que é possível realizá-lo assim. E, portanto, fui e continuo sendo muito cobrada para estar em dia respondendo a essas demandas do trabalho. Também temos afazeres domésticos que estão sendo intensos – não que eu me mate de trabalhar, mas, por exemplo, tenho que passar minha própria roupa nestes tempos. E a graça de participar das missas na casa episcopal – no começo da pandemia, que era lá – para transmitir via Facebook nesses primeiros meses da pandemia e que agora já retornou à igreja com os devidos cuidados. Então, no decorrer desse tempo, eu conheci que até mesmo o intenso trabalho é uma graça, e que eu demoro para

reconhecer os sinais. Pois, como disse a minha chefe, se estamos trabalhando é porque temos saúde neste momento tão frágil. E lembrando ainda aqueles que não estão podendo trabalhar e se sustentar. Diante dessas circunstâncias do trabalho árduo, do isolamento social, eu me sustentava em São José Operário e no nosso Livro das Horas, tem uma oração para ele. O seu trabalho era a missa para ele; fazia com toda a dignidade para sustentar sua Sagrada Família. Também em São Bento, que viu a oração e o trabalho como parceiros e acreditava combinar a contemplação com oração: *ora et labora*. Estou tendo que trabalhar muito, então tive que me agarrar nesse pessoal, senão...! E em Santa Teresinha: quando tivemos um encontro, o Bracco disse que ela nunca saiu do Carmelo e mesmo assim se tornou a padroeira das missões. Então, para compreender o isolamento social que nos é solicitado, me lembrei desses santos. E nestes tempos o medo e a distância das pessoas – e de modo particular dos meus familiares – foram angustiantes. E aí vem Cristo com seu afago, com sua misericórdia, através de Carrón, e nos fala do medo na página 28 de *O despertar do humano*; e uma menina na Escola de Comunidade dos Colegiais, que diz diz que, mesmo passando por este momento, devemos pôr Cristo em primeiro lugar. Além disso, a companhia de minha mãe, que adoeceu gravemente, não tinha força nem para se alimentar durante uma semana, e tivemos que cuidar dela aqui em casa. Outra situação, é que minha equipe do trabalho reduziu-se de 10 a 3 pessoas, e uma sou eu; nosso trabalho é orientar, capacitar, treinar, monitorar, estudar portarias nacionais e estaduais para as equipes municipais das políticas de assistência social. Não é coisa só de entregar cesta básica, tem muita coisa acontecendo que precisa dessa atenção. Então eu me pergunto: como dar conta disso se a realidade que se apresenta com essa doença, por si só, é preocupante, e ainda ocorrem mais situações agravantes? Eu penso em não dar conta de compreender. Pergunto: Cristo, o que tu queres? Eu sei que Cristo quer o meu coração. Então, como reconheço se já entreguei ou não meu coração a Ele? E nessas circunstâncias, como conhecer a sua presença carnal? Eu fico grata se a companhia me ajudar a compreender esta questão.

**Gleyson.** Obrigado. Vou ler uma contribuição que talvez nos ajude a aprofundar um pouquinho mais essa pergunta que você começou. *“A quarentena está sendo para mim um grito constante. Eu me sinto como a garota do texto da Escola de Comunidade, quando ela sentia momentos sem sentido na passagem do tempo. As coisas passam e às vezes não consigo ver sentido em nada. Nem mesmo quando tento me educar em ver uma resposta, uma correspondência, dentro de qualquer situação. Talvez seja pela situação dos meus pais, que infelizmente não está nada boa. E dentro dessa realidade que estamos agora piorou ainda mais. E por sinal me vejo no meio de tudo isso, sinto que estou segurando algo muito pesado, e por mais que me doa não consigo soltar. Então me pergunto: até onde vai o humano, a carne? Até onde posso suportar isso? O que está me ajudando por agora é lembrar que Ele me deu esse lugar onde posso compartilhar minhas angústias sem ser julgada. E sempre terei essa companhia para me arrancar do nada.”* Eu penso na Escola de Comunidade, que nos ajudou a entender o desejo daquela mulher que, mesmo diante da humanidade ferida e dos problemas não criou uma estratégia para resolver a vida, mas foi atrás daquilo que lhe correspondia. Eu acho que essa presença, que é maior, como o rio Amazonas da música, é uma coisa que se impõe. Para mim, estes dias têm sido um pouco assim também.

**Bracco.** A primeira coisa que eu estou aprendendo é que essas circunstâncias são uma ocasião para reaprender tudo: aprender como uma coisa nova. Como se se abrisse uma coisa nova de tudo o que eu já sei, de tudo o que já conheço. Por quê? Porque, quando

chega uma dor, quando chega uma situação que te deixa como arrebatado, você não tem mais os recursos fáceis, você não tem as frases prontas que podem te sustentar. E também não é qualquer companhia que pode ajudar você. Então cada um de nós, nessas circunstâncias, antes de querer logo responder, deve se perguntar: o que nos diz a nossa companhia? O que nos disse Carrón todo este tempo? Deixar abertas as feridas, olhar as feridas; não tampá-las logo com um curativo. Às vezes, também corremos para rezar terços atrás de terços, como que para tampar logo uma ferida. Mas porque, no fundo, é o medo que domina. E às vezes recorremos à Netflix ou vamos ver um filme, ou vamos abafar com outra coisa, pela mesma razão. Porque como é como se não conseguíssemos aguentar essa novidade absurda que está acontecendo. Mas para mim a primeira companhia que aconteceu foi a do Movimento; a primeira companhia que eu percebi foi uma presença que me disse: “Calma, olhe, e tente se dar conta de tudo o que você já viveu. E de tudo o que você já viu. E de tudo o que eu te disse. Que estava tão óbvio e tão claro até agora, mas agora parece que não responde mais a nada do que está acontecendo”. Por quê? Porque a fé, que antes estava como uma esteira que nos carregava mesmo se estivéssemos parados, agora parou. Agora, ou nós vamos com nossas pernas ou estamos parados. Mas aquilo que Carrón disse é que a fé precisa ser conquistada, através da razão. Através da razão, através do meu recurso, e do recurso mais humano, porque é o mais “meu” que eu tenho. A razão não é uma categoria filosófica, é o recurso que mais caracteriza o meu humano, é o meu motor mais precioso. É onde está carregado tudo o que é meu, mais meu, mais íntimo. Por quê? Porque é minha capacidade de me dar conta da realidade, segundo todos os seus fatores. Mas quando chega o medo, a primeira coisa que se paralisa não é a fé, e sim a razão. É essa capacidade, é esse motor que temos dentro o que se paralisa. Mas Carrón disse: “A fé é como uma flor...” – lembra-se daquela frase? precisa ir lá, sublinhá-la, decorá-la de novo – “A fé é como uma flor que nasce no extremo limite da dinâmica racional”. Significa o quê? Significa que é dentro dessa minha capacidade de me dar conta da realidade que uma presença ativa de novo, torna viva de novo (e não paralisada) que eu posso a certo ponto me dar conta de um fator que vai além, que parece que está no extremo limite lá do horizonte, indo embora, mas é um pontinho que se aproxima. E quando isso acontece, é como uma flor. E qual é a coisa mais bonita de uma flor? Além de você vê-la? É sentir o perfume. A nossa fé pode ter ficado muito tempo sem perfume. Por quê? Porque não foi como uma flor dentro dessa dinâmica da minha razão. A fé precisa do homem, precisa de todo o meu humano para florescer. Em mim, não nos outros. Em mim! Então, quando Carrón começou a falar das perguntas que Jesus fez aos apóstolos, para mim foi como se Jesus tivesse feito isso para mim. E Jesus com os apóstolos começou a reativar a razão deles, que estava paralisada; eles não estavam enxergando. Tinham Jesus do lado, mas Ele não era resposta a nenhum problema que eles tinham. Tanto que eles discutiam preocupados com o pão, Ele disse: “Vocês não se dão conta de que eu ontem fiz um milagre grande como o rio Amazonas?” E o que Jesus sempre faz? Mais poderoso do que fazendo milagres, os momentos mais decisivos para os apóstolos são quando ele fez perguntas: “Vocês querem ir embora?” “Quem vocês acham que eu sou?” Se vocês vão aos Evangelhos, os discípulos mudaram mais quando Jesus colocou perguntas decisivas para eles do quando estava fazendo milagres. Por quê? Porque, com a pergunta, uma força total reativava a razão deles, sua capacidade de se dar conta – também de quem Ele era. É por isso que esta é uma ocasião; é por isso que se devem deixar abertas as perguntas e deixar aberta a possibilidade de um outro te fazer perguntas. E de não ter medo de deixar isso aberto, porque essa é a única possibilidade de que a sua fé não seja colada em cima, mas nasça de novo, de dentro do seu humano, através da sua razão, totalmente razoável. E uma fé que é totalmente

razoável, cheia de perfume. Vê-se no rosto, mesmo num período duro, difícil, dramático. Se não fazemos isso, vamos enlouquecendo atrás de uma fé mística – no mau sentido: para tampar buracos, sempre uma coisa exterior que não nasce dentro de mim, como experiência que nasce no extremo limite da dinâmica racional, como uma flor de graça. Essa é a carne onde se vê a carne. Se essa contínua possibilidade de reativar a minha razão não for uma carne, então não acontece; é impossível, é difícil. A carne, mais que ser o quentinho do outro, é a presença de alguém que ajuda a ter a razão viva, é a possibilidade de que sua fé todos os dias possa florescer, e você possa sentir o perfume. Com todos os erros, os limites e os desvios.

**Gleyson.** Edna, como você percebeu na experiência que você viveu, esse perfume? Esse perfume dessa fé que, de certa forma, reflete no carnal, na coisa concreta da vida?

**Edna.** Boa noite a todos. “Feridos, voltamos para Cristo”. Essa frase me reporta para vários momentos na minha vida e me faz pensar em quantas vezes me afastei, em quantas vezes corri atrás daquelas falsas ilusões, promessas de felicidade. E também me pergunto: como pude deixar tudo acontecer, mesmo tendo experimentado, “por meio de rostos precisos aquela ‘inimaginada, inimaginável, jamais experimentada correspondência ao coração’”? (trecho do capítulo 3). Penso que precisei fazer esse percurso para chegar até aqui. Não sabendo de tudo, mas com mais maturidade. Uma consciência clara do lugar a que pertencço e dos rostos de que preciso para me fazer sentir segura, amada e amparada. Rostos que me fazem vibrar de emoção e comoção ao reencontrá-los na missa, por exemplo, depois de vários meses longe, mesmo sem poder abraçá-los por conta das medidas restritivas. Rostos como o do querido amigo padre Castrezzi, que esteve presente naqueles dias em que eu insistia em caminhar para o abismo da ilusão; e ele ali do meu lado, nunca me abandonou. Estava sempre lá, não importava meu estado, e muito menos meus pecados. E hoje mesmo longe continua presente, sempre me acompanha. Não fossem esses rostos, essa presença carnal na minha caminhada e precisamente nesse período de pandemia, teria sido uma catástrofe o confinamento. Não por conta de não poder sair por aí, mas principalmente por ter que olhar para mim, para o meu eu impaciente, irritante, para minha mesquinhez, que muitas vezes tenta me arrastar para o nada, para o vazio que não pode ser preenchido com *lives*, séries e tantas outras distrações. Dar-me conta disso tem sido o exercício diário. O trabalhar, o preparar o almoço, limpar a casa, lavar roupa, essas rotinas que no início pareciam me enlouquecer, hoje me ajudam a olhar para essa minha humanidade tão carente, tão necessitada dessa presença carnal. As reuniões virtuais, a Escola de Comunidade com o pessoal de São Paulo, o sarau do último dia 18 de julho, quantas coisas bonitas estou vivendo neste período! Descobri tantos rostos com tantos corações inquietos como o meu, que não quer se contentar com o supérfluo e o passageiro. Sim, há alguém que ouve o nosso grito e que nos espera de braços abertos. Há alguém que quer preencher todo esse desejo do meu coração. Sou grata por tudo isso e mesmo nessas circunstâncias, por estar redescobrimdo a dimensão da beleza da nossa companhia. “Só uma carne pode vencer o nada. Não qualquer carne, não qualquer presença carnal, mas uma presença que carrega consigo algo que corresponde a toda a nossa expectativa e, portanto, é capaz de magnetizar o nosso ser.” Obrigada.

**Bracco.** O que aconteceu que a fez vibrar assim? Como aconteceu essa gratidão dentro dessa bagunça que está acontecendo?

**Edna.** Acho que a primeira coisa foi realmente dar-me conta de que eu sozinha não ia chegar muito longe. E lembrar desses rostos e de todas essas possibilidades de não cair no vazio, me fizeram tomar esse ar, esse suspiro assim, de: “caramba, eu não estou só e eu tenho outras coisas que não a minha tristeza, que não os meus aborrecimentos apenas”.

**Bracco.** No trecho “O judeu Jesus de Nazaré”, a certa altura está escrito: “Jesus se dirigia à humanidade ferida e cheia de limites daqueles que encontrava. Nada O detinha. E nada O detém agora”. Se alguém tivesse ouvido a Edna falar na época em que Jesus caminhava pelas cidadezinhas, poderia ter dito: “Caramba, essa mulher encontrou Jesus também”. Nada O detinha. Por quê? Ele olhava a humanidade ferida e cheia de limites daqueles que encontrava. Mas nada o detinha. E a coisa que me marcou muito é este trecho: “E nada O detém agora”, diz Carrón. Agora, dentro desta situação, neste momento histórico, nada detém esse olhar de Cristo que busca a nossa humanidade ferida. E mesmo essa nossa humanidade tantas vezes vivida como um incômodo – como dizia Edna – porque as contas não batem. Porque não gosto dela; pelos tantos limites que eu vejo em mim, em nós. É essa humanidade – não outra, não uma humanidade de quando estamos bem, não a humanidade de quando gostamos dela – aquela humanidade da qual nós não gostamos, muitas e muitas vezes. É essa humanidade que Cristo toma, até às entranhas. E sem essa humanidade, que é a minha humanidade, verdadeira, assim como ela é, Ele não poderia entrar na vida. Não encontraria um gancho: o infinito encontra a minha humanidade como com um gancho. Qual é o sinal de que Ele me pegou com um gancho? É que eu começo a sentir esse perfume, como a Edna falou. Começo a sentir que está mudando algo na minha vida. Não que tudo sejam flores, às mil maravilhas, mas há uma mudança real que não posso negar. Qual é a mudança maior? Que eu não tive que censurar a minha humanidade. Ela fica lá, me incomoda ainda, e eu, mesmo assim, estou fazendo essa experiência. Isso é esse perfume. O perfume da fé que floresce como uma flor, não é quando toda a minha humanidade que me incomoda, sumiu. Não, é quando ela está e eu faço essa experiência. Por isso a carne. Por isso essa gratidão de que falava Edna, por quê? Porque esse olhar de Jesus, que não é detido por nada – não era detido e não é detido agora – chega até mim, através de meios incríveis, inimagináveis. Rostos que nem pensava. Mas nada o detém agora. Obrigado, Edna.

**Gleyson.** Vinícius, conte como tem sido pra você também este tempo e essa experiência que você tem vivido, de experimentar na carne. Qual é a experiência de viver verdadeiramente na carne, como o Bracco disse agora? Antes, faça um parêntese, contando algo que o Julián contou ontem na Escola de Comunidade. Um amigo do Movimento que vivia no extremo sul do Chile, já na Patagônia, e mandou uma carta pedindo para sair da Fraternidade. A pessoa usou o único motivo que talvez fosse verdadeiramente sincero para sair da Fraternidade: “Eu já não vivo a experiência de fé, para mim a experiência do Movimento não é algo carnal”. Mas numa conversa do Julián com as pessoas do Movimento no Chile, elas estranharam o fato, pois esse amigo tinha estado na Escola de Comunidade por Zoom na semana anterior. De fato, essa pessoa depois disse: “É verdade, eu tinha pedido, mas me arrependi de ter escrito aquela carta, porque desde que começou a pandemia eu passei a viver uma experiência carnal”. Quer dizer, ele isolado no sul do Chile, quase no fim do mundo, literalmente, e sozinho, isolado, passou na pandemia a viver isso. Só porque encontrou alguém, assim pelo Zoom, e ouviu uma frase diferente? Como é que Cristo se encontrou com ele nessa

situação a ponto de ele dizer que aquela carta que ele tinha escrito pedindo para sair da companhia não valia mais? Então, Vinícius, conte também como tem sido para você.

**Vinícius.** Os últimos meses têm sido de bastante trabalho e empenho com o percurso do Movimento. Eu me coloquei uma pergunta: mas por quê? Por mero formalismo? E para mim a resposta tem sido “não”. Em maio meu avô faleceu por conta do coronavírus. Morei a vida toda com ele. E há um mês, um mês depois, junho, meu tio próximo, irmão do meu pai, precisou se submeter a uma cirurgia do coração; foi um fato que gerou muita tensão em casa, com outros familiares. Conto isso porque, diante desses fatos, também diante do trabalho, tenho a certeza de que não controlo a realidade. Antes da pandemia eu pensava: “Daqui a pouco me formo e consigo trabalhar no instituto de pesquisa”, mas não é assim. Diante das circunstâncias eu buscava os olhos por quem me apaixonei. E me encontrei de novo com meus olhos escancarados para encontrá-lo. Como em 2003. Ou como em qualquer outro carnaval que a gente promove. Tudo me soava como uma possibilidade. Muitas foram as formas e os rostos que me salvaram do nada: um diálogo na EdC mais profundo; o grupinho dos filmes que a gente acabou fazendo – assistir a um filme e depois conversar a respeito, coisas simples; uma ligação no meio da noite do meu amigo Ignazio, nem que seja para falar de futebol, ou outra coisa; conversa que acontecem com os Colegiais; o empenho no estágio, no TCC; o relacionamento com meu pai. Tudo falava de alguma coisa maior. E me salvaram do nada, não porque me desviavam a atenção das circunstâncias ruins; não porque me protegiam – “vai ficar tudo bem”, “estou “contigo”, alguma coisa nesse sentido – mas, pelo contrário, justamente porque não me deixaram sucumbir à tentação de não querer encarar a realidade da pandemia e do falecimento do meu avô e todas essas coisas. Mesmo na ligação do Ignazio, que parece uma coisa banal. Diante disso nasceu uma coisa bonita que eu não posso deixar que se torne uma coisa óbvia para mim: a própria busca. Me fascina buscar alguma coisa maior no meio do caos aparente. De onde nasce uma coisa assim? A certeza é que está ruim. E depois agora sublinho também o trecho que a Edna sublinhou: “Só uma carne pode vencer o nada, não qualquer carne, mas a presença que carrega consigo algo que corresponde a toda nossa expectativa”. E diante da frase do livro do Carrón, escrevo dizendo que esses últimos dias têm sido uma das vezes que as coisas que leio no Movimento, os percursos, ganham carne de verdade. E por aqui as coisas continuam nada tranquilas: ainda a cirurgia, o TCC para entregar, mil coisas. Mas continuo com uma vontade de vivê-las de forma absurda. Nossa vida é cheia de um amor eterno, que não acaba no falecimento de um grande amigo, que foi o meu avô. E para mim os últimos dias têm sido essa coisa. Ou essas coisas.

**Bracco.** O que permite viver dentro dessas dificuldades fazendo essa experiência? O que você acha que te aconteceu? Porque, ou você está louco...

**Vinícius.** Primeiro, as coisas concretas mesmo, e que aparentemente são banais. Por exemplo, uma pergunta que acaba surgindo na Escola de Comunidade, que carrego, querendo ou não, durante uma semana inteira. Um diálogo com alguém da Escola de Comunidade ou com o Ignazio. Mas primeiro uma coisa concreta.

**Bracco.** E para nós, que chegamos dois mil anos depois. Da mesma forma é para nós. O lugar onde eu vejo, onde eu escuto a Sua presença aqui, agora, coincide com o fenômeno visível, tangível, concreto, feito pelas pessoas que foram alcançadas pela Sua iniciativa e que O reconheceram. Um fenômeno de uma humanidade diferente. Dentro das coisas banais, como o Vinícius disse. Coisas banais. O Ignazio que liga no meio da

madrugada, ou da noite. Isso é incrível, não? Coisas aparentemente banais, que têm como que escondidas uma humanidade diferente que traz dentro uma outra coisa. Por que é absurdo e pode parecer que somos loucos? Porque nas entrelinhas, no limiar, eram coisas aparentemente banais que têm dentro esse olhar que não é detido agora. Mas se a minha liberdade e a minha razão não estão abertas, escancaradas, parece nada. Parece só banal. Não é aquele aparentemente banal que tem dentro outra coisa. Quantos de nós perdemos esse olhar que não é detido agora? E nós, quantas vezes o perdemos! Por quê? Porque sem fazer um caminho, um trabalho, sem me deixar provocar, a minha razão se paralisa. A minha razão que pode fazer mil coisas, mas perde aquela capacidade de estar tão aberta para ver nas aparências, nas circunstâncias aparentemente banais, esse Outro que está presente. Isso aqui é espetacular e terrível também. Precisamos estar dentro desse caminho ativamente, e ativamente significa usando a nossa humanidade, vivendo a nossa humanidade, não tendo medo, se deixando provocar. Por exemplo, há Semana da Revista, a Revista Passos, a Escola de Comunidade; são tantas ocasiões aparentemente banais, mas que são gestos de Cristo – como quando Ele questionava os apóstolos – que reativam a nossa razão para vermos, nas coisas aparentemente banais, uma outra coisa. Esse olhar que não é bloqueado agora. E assim ver a minha fé que floresce de novo. Obrigado.

**Gleyson.** Pedi para a Socorro reler [a carta que escreveu](#).

**Socorro.** Boa noite! Estou quase sem palavras diante de tudo isso que estou ouvindo. A minha carta surgiu num segundo, do nada. Eu estava lendo o texto e depois decidi escrever. Sou uma pessoa que tem uma vida muito ativa, tanto no trabalho quanto nas atividades comunitárias e paroquiais. Esse vírus me paralisou por uns dias, quando me vi impossibilitada de sair de casa para as visitas às famílias, à missa, às Laudes, às atividades corriqueiras do dia a dia. Isso me fez pensar no quanto sou frágil e dependente de alguém. Na carta de Padre Carrón do dia 12 de março, ele fez um alerta sobre a pandemia e Padre Ignazio nos reuniu para lermos a carta e para dizer que as atividades estariam suspensas. Eu, sinceramente, naquele dia não tinha levado muito a sério aquela ideia de que nós deveríamos parar. Depois, lendo os textos do Padre Carrón, me perguntei: o que me arranca do nada? E me fiz essa pergunta por inúmeras vezes: o que me arranca do nada? Na homilia do Papa Francisco do dia 27 de março, três frases me estremeceram: “silêncio ensurdecido”, “vazio desolador”, “uma tempestade inesperada e furibunda”. Fui aos poucos me dando conta da minha vulnerabilidade e da dos outros também. O mundo inteiro estava vulnerável. Mas logo voltei à razão, quando ele me fez entender que Jesus está presente e é real no meio de nós. Os dias foram passando, os casos acontecendo, a minha filha do outro lado do mundo com uma gravidez de risco... O trabalho praticamente parado, na paróquia tudo parado. De repente, uma luz: Padre Ignazio nos reúne para iniciarmos um terço on-line. E no primeiro dia eles me disseram que eu deveria cantar o canto final, que seria o canto *Miraculosa*. Eu não sou uma pessoa que sabe cantar, mas canto porque gosto, porque amo cantar; mas nunca fiz nada de treinamento para cantar. E depois daquele dia eu simplesmente queria cantar, cantar para alegrar meu coração, alegrar as pessoas, e resolvi cantar e mandar nos grupos da paróquia, da família, da comunidade. E depois meu marido queria saber o que eu tinha cantado, queria ouvir, e os passarinhos começaram a fazer companhia para mim também, cantando junto comigo. E na Escola de Comunidade, na catequese que o padre faz com a gente toda terça-feira, algumas pessoas deram testemunhos dizendo que o meu gesto as tinha ajudado a viver esse momento difícil da pandemia, no isolamento, e outras até lembraram coisas que tinham

esquecido. Então tudo isso para mim foi tirar-me do nada. Foi uma força dentro de mim também. Então eu digo que eu não tive medo da pandemia, não tenho medo da pandemia; não que eu seja uma pessoa insensível, porque eu senti a dor do meu irmão, senti o sofrimento do meu irmão, chorei com os que choraram, com os que perderam seus familiares. E a minha carta diz tudo isso, tudo isso que não vou ler agora porque também é importante que os outros leiam o que eu escrevi. Porque tocou em mim, também vai tocar em alguém, a partir do momento que lê. Então no texto do padre Carrón, no dia 12, ele diz algo muito enriquecedor. “E ficaram olhando a vida da janela aí terão sempre alguma queixa para fazer. Implique-se.” E eu acho que esse meu gesto de cantar e de me sentir próxima de alguém foi uma forma de não ficar parada. Não ficar reclamando, não ficar me queixando, mas fazer alguma coisa. E eu agradeço muito ao Padre Ignazio, à Escola de Comunidade de que a gente está participando junto com o pessoal de São Paulo, os nossos terços que nós rezamos todos os dias on-line, a Escola de Catequese que o padre faz com a gente... Tudo isso faz com que a gente renove a fé, aumente a esperança, creia que não estamos sozinhos. E depois, quando cheguei ao ponto 2, que já foi citado várias vezes – *O judeu Jesus de Nazaré* – eu me identifiquei muito com a mulher. Eu sou ela. Vivo aos pés de Jesus, chorando e falando das minhas coisas. E quem me conhece sabe desse meu jeito, mas eu também nesses dias tenho passado sofrimentos muito grandes, de doença de meu filho, com meu neto... Sinto que nessas situações estou sempre vivendo o encontro carnal, sempre tendo esse olhar, sinto essa presença no íntimo do meu eu, como o “Tu” de Deus que me fortalece. Então o Tu – nós aprendemos recentemente com o Padre Ignazio essa intimidade também com Deus, de chamá-Lo por Tu – me fortalece. A minha fraqueza, o meu desequilíbrio humano, é fortalecido por essa força que está em mim, que vem de Deus. E aí a minha pergunta é: não ter medo, nestas circunstâncias, é normal?

**Bracco.** O que você acha?

**Socorro.** Algo bem maior está dentro de quem tem fé. Eu tenho fé, acredito. Acredito que essa força vem desse Tu que me abraça.

**Bracco.** E isso é normal?

**Socorro.** Não é normal.

**Bracco.** Não é normal, no sentido de que é uma coisa excepcional; depois iremos estudar essa palavra. Quando algo é excepcional? Quando, de repente, nós descobrimos que corresponde a todas as nossas exigências do coração. Por que o encontro com Cristo foi e é excepcional? Porque não é normal! É uma coisa que, de repente – Dom Giussani sempre usava isso: “de repente” – é como se você descobrisse uma correspondência absoluta. Que deveria ser normal, porque nós desejamos isso o tempo inteiro, o tempo inteiro desejamos esse encontro, mas nunca acontece. É por isso que, quando acontece, é excepcional. Não é que não temos medo, mas esse medo não me paralisa, não me domina. Não é que somos super-heróis, mas não nos domina. Quando você descobre isso, é excepcional. Não é que você começa a pular pela casa, de alegria; mas, dentro de você, você surpreende algo excepcional. Esse é outro sinal. Antes falamos de sentir o perfume. Outro aspecto que podemos chamar de “sentir o perfume da fé”, quando acontece com uma flor, é: perceber esse excepcional que está acontecendo na minha vida. Então, nesse sentido, não é normal. Por isso, quando acontece uma coisa assim, você diz que caramba não é normal. Num sentido não é normal, mas não no sentido de



que você está louca, está bom? É um perceber algo que não é normal, que é excepcional e que eu não estou louco. Estou usando totalmente a minha razão.

**Gleyson.** Uma coisa que temos visto, em muitos testemunhos de vários amigos nossos, é como esta situação tem gerado um desejo de viver tudo mais intensamente. Inclusive uma atenção com o fundo comum. Tenho recebido aqui em São Paulo vários testemunhos de pessoas que, a partir dessa situação, sentiram quase que uma necessidade de ter uma atenção maior com o fundo comum. Como o Bracco falou, aparentemente isso não é normal. Mas o que acontece, que gera essa atenção? Acho que é um chamado também para nós olharmos para o fundo comum da Fraternidade e também das comunidades.

**Paulo.** A responsável pelo fundo comum na nossa comunidade é a Edna, ela seria a pessoa a quem devemos nos dirigir para fazer as contribuições; e da fraternidade, para aqueles que são inscritos, a responsável é a Núbia.

**Padre Ignazio.** Vamos rezar o *Memorare*, nesta noite com mais consciência porque podemos experimentar como Cristo, através da nossa companhia, se lembra de nós com Nossa Senhora, e penso que cada um pode experimentar que foi olhado na própria necessidade com amor. Obrigado, Bracco, de coração. Desculpe, mas é uma ocasião também para lhe agradecer por nos ter dado como *visitor* – talvez nunca tenhamos feito isso – o nosso grande amigo Gleyson, porque ele nos acompanha com muito carinho e isso é um olhar que ele nos doa, é sinal de um Outro que nos olha.

**Bracco.** Tchau, obrigado a todos!